

CAMILA BATISTA DA SILVA



VIVENCIAR E RECONHECER AS MORADAS

EXPERIÊNCIAS NO ENSINO NÃO FORMAL

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

CAMILA BATISTA DA SILVA

VIVENCIAR E RECONHECER AS MORADAS

EXPERIÊNCIAS NO ENSINO NÃO FORMAL

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Silva, Camila Batista da. 2015-

Reconhecer e vivenciar as moradas, Experiências no ensino não formal: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Camila Batista da Silva. – 2015. 36 f.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Silva, Camila Batista da, Maurílio Andrade Rocha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Reconhecer e vivenciar as moradas, Experiências no ensino não formal.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *RECONHECER E VIVENCIAR AS MORADAS, Experiências no ensino não formal*, de autoria de Camila Batista da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Maurílio Andrade Rocha - Orientador

Dra. Mariana de Lima e Muniz

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

AGRADECIMENTOS

O que colore a vida é a arte do encontro!

Agradeço a todos os encontros, que já faziam parte e os que acrescentaram em minha trajetória a partir dessa jornada: Nina, pelo apoio e amor incondicional de sempre; aos meus pais, por todo amor e acolhida; Déa, por ampliar e acolher meu ser cotidianamente; a cada criança que fez parte dessa pesquisa e proporcionou que essa trama fosse construída com amor, trocas, crescimento gerando novos frutos. A toda equipe do Corpo Cidadão, pelas trocas que geram crescimento diário. Aos amigos sempre presentes e participantes. Ao Henrique Teixeira e Luanna Campos que tanto acrescentaram e contribuíram em minha formação.

RESUMO

A partir de observações e reflexões sobre a busca do ser humano por um local de proteção - e que essa vem desde o nascimento –, essa torna-se mais intensa, tendo em vista, a dificuldade de se localizar no mundo. Diante desse cenário, este estudo busca investigar qual espaço pertence ao indivíduo, como se dá o processo de construção da morada e quais as mudanças ocorrem nas práticas educativas na ONG Corpo Cidadão. Morada essa na qual Bachelard (2008) chama de intimidade protegida, proteção para a alma humana, casa como conexão entre memória, imagem, pensamento e sonho do ser humano. Assim, através de oficinas realizadas em artes visuais e as observações feitas a partir dessas, este trabalho demarcou quais os elementos contribuem para que o sujeito se sinta pertencente no mundo. As análises das vivências apontam que a frequência das crianças no projeto, a relação construída entre educador e educando, a autonomia, as formas de participação, a experiência como um espaço onde os acontecimentos têm lugar, são alguns pontos que aparecem em termos expansão do ser, como crescimento e autoconhecimento do indivíduo e possibilidades de aprendizagem mais efetiva.

ABSTRACT

From observations and reflections about the search for a protective place by human beings – and that comes from birth –, this becomes more intense in view of the difficulty to locate itself in the world. Given this scenario, this study aims to identify which space belongs to the individual, how the dwelling construction process is and which changes occur in the educational practices at “Corpo Cidadão” NGO. A place that Bachelard (2008) has mentioned as a protected intimacy, human soul protection, home as connection between remembrance, image, thought and dream of human being. Thus, by visual arts workshops and from observations from these, this work has staked out which elements contribute to making the subject feels belonging to the world. Experiences analyses show that children’s frequency in the project, the relationship built between the educator and student, autonomy, participation ways and the experience as a space where the events take place, are some points that appear in terms of expansion, growth and self-awareness of the individual, besides more effective learning opportunities

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Criação feita pelas crianças da Morada	18
FIGURA 2 - Crianças no durante o processo da Oficina Teia à Cabaninha- 1º turno	20
FIGURA3 - Crianças no durante o processo da Oficina Teia à Cabaninha- 2º turno	20
FIGURA 4 - Construção da trama feita pelas crianças	21
FIGURA 5 - Crianças durante o processo da Oficina Corpo no Espaço	22
FIGURA 6 - Educanda experimentando o espaço após ouvir a condução Corpo recolhido	23
FIGURA 7 - Processo dos educandos na construção do casulo com argila	24
FIGURA 8 - Educadora e educandos durante o trabalho Casulo desenvolvido	25
FIGURA 9 - Educandos sendo envolvidos por materiais que criaram a sensação de estar no casulo	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A ARTE DO ENCONTRO	12
3	DESCOBRIR NO FAZER	16
3.1	A pesquisa	17
3.2	Construindo a Morada	17
3.3	Desenho de observação da casa	19
3.4	Planta da casa	19
3.5	Téia à Cabaninha	19
3.6	Casa Imaginária	21
3.7	Corpo no espaço	21
3.8	Casulo como morada – Argila	23
3.9	Casulo – corpo receptor e participante	24
3.10	Exposição Final	26
4	TECENDO A TRAMA	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é fruto do que me foi despertado nas aulas de expressão bi-tri dimensional no curso de graduação. Além de desconstruírem minha visão limitada de arte, me foi apresentado o livro A poética do espaço (BACHELARD, 2008). O autor impulsionou meu processo criativo, meu lado poético, minha busca pessoal, ampliou meu ser, minha visão de arte e de mundo.

Comecei a observar arte nas linhas da vida, nos pequenos gestos, expressões. A partir desse contexto, resgatei um pouco da espontaneidade da infância e me senti tocada, instigada em investigar a busca por um lugar do indivíduo no mundo, uma vez que, essa é marcada pela atualidade, correria, excesso de informação, escassez da experiência, o que contribui para a dificuldade do sujeito se localizar no mundo. Primeiramente, o meu lugar no mundo, posteriormente, o lugar do outro nesse.

A partir desse cenário, a pesquisa dialoga com Bachelard (2008) ao pensar a morada como local de aconchego, tranquilidade, conforto, proteção, acolhimento, sonhos, medos, repouso, leveza, infância, passado, presente, tristezas e das alegrias, e que a busca por este universo vem desde o nascimento, o que provoca reflexões sobre qual lugar pertence ao indivíduo.

Essas reflexões e observações fazem parte de minha pesquisa consciente, individual desde a graduação, mas tornaram-se mais intensas em meu trabalho como educadora, na ONG Corpo Cidadão, ao perceber e fazer conexões entre a Morada e o comportamento vivenciado com as crianças, conversas e questões trabalhadas pela ONG de pertencimento e autonomia.

Assim, a pesquisa teve como referência principal Bachelard (2008) e dialogou com Souki (2009), Clark, Rocha (2008), Campos e Silva (2015), Larrosa, Tarkovski (2010), documentário Tarja Branca (2013). O trabalho foi demarcado pela reflexão sobre o lugar que o indivíduo pertence. Lugar esse não somente de proteção, mas também da brincadeira, autonomia, experiência, do corpo como experiência primeira, da troca com o outro, respeitando a subjetividade dos envolvidos no processo criativo.

Assim, este texto está estruturado em cinco seções, contando com esta introdução.

A seção 2 traz a discussão para a casa, espaço que pertence ao indivíduo para além do lugar físico e sobre o ensino que ultrapassa os limites da instituição, buscando, através de referenciais teóricos, ampliar o entendimento sobre a morada e educação não formal.

Em seguida, na seção 3, tem-se um breve histórico sobre a ONG e o processo criativo com os educandos. Aponta-se, também, quais foram os recursos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, que contou com observações, falas e trabalhos desenvolvidos nas oficinas de artes visuais. Abarca, ainda, a descrição das atividades, perfil do público, a ONG e têm-se os objetivos que orientam a pesquisa.

Na seção 4, apresenta-se a análise do processo em diálogo com as referências já apresentadas e os resultados do estudo do caso. Destacando-se num primeiro momento, o processo de construção da morada do sujeito e, num segundo momento, a relação construída entre educador e educando, a autonomia, o despertar do sentimento de pertencimento, o diálogo, o lugar da experiência que são demarcados, ressaltados como possibilidades de autoconhecimento dos educandos e consciência do espaço que esse habita.

Nas considerações finais, retomo o processo da pesquisa apontando os objetivos e resultados alcançados.

2 A ARTE DO ENCONTRO

O pensamento é tramado de outras questões que o antecedem. Por vezes, é possível observar o indivíduo buscando um local de proteção e aconchego. Essa busca pelo universo vem desde o nascimento e essa procura torna-se mais intensa na atualidade, que é marcada pela correria, gerando dificuldade de se localizar no mundo, o que provoca reflexões sobre qual espaço pertence ao indivíduo.

No projeto social em que trabalho, a procura por esse espaço de proteção, por um canto no mundo, se manifestou fortemente no dia a dia, através de gestos e falas das crianças.

Bachelard (2008) chama a casa, de intimidade protegida e desconstrói as relações da morada apenas com o físico, ampliando a visão de morada, poesia, arte, imagem e experiência. Convida o leitor a observar, buscar os espaços de proteção a partir da poética da casa e nos leva a pensá-la como local de aconchego, repouso, abrigo, dos sonhos, proteção. Ressalta, ainda, a importância da intimidade com o espaço da casa, uma vez que essa é nossa referência no mundo. “Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amíude, o nosso primeiro universo.” (BACHELARD, 2008, p.24)

Esse autor lança uma infinidade de perguntas que devem ser respondidas a partir do coração e da alma quando nos convida a buscar as sensações esquecidas e a morar em nós mesmos. “Nossa alma é uma morada. E lembrando-nos das “casas”, dos “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos.” (BACHELARD, 2008, P. 20)

Adel Souki (2009) traz a reflexão sobre a casa no ensino da arte através da experiência e construção coletiva. Assim como Bachelard, a artista trabalha a intimidade com o espaço da casa, inicialmente a casa física, depois abarcando a memória. A vivência, o diálogo, a escuta, a troca sobre a morada desdobram-se em moradas imaginadas, sonhadas e vividas.

A artista Lygia Clark mostra como arte e vida se mesclam, se desdobram e geram reflexões do ser e estar no mundo, aponta, além disso, questões da arte efêmera e da poética do corpo. Lygia, assim como Bachelard e Adel Souki, trabalha a busca de si no mundo.

Para tecer o emaranhado dessa reflexão, é proposta uma “nova” leitura sobre o ensino. O ensino que é pensado como teoria, técnica e ciência. Além de preocupar-se com o cognitivo, leva-se em conta que o ser humano tem outras dimensões que podem ser ampliadas e aguçadas, como o perceptivo, sensitivo e criativo. Verifica-se, cada vez mais, o crescente acesso às escolas, mas o sentido e o valor do conhecimento têm se perdido, pois o aprendizado é significativo a partir da experiência em sua totalidade. O que se percebe é um sistema de homogeneidade e escassez de experiência. A rapidez com que as coisas passam e nos são transmitidas gerando o excesso de informações, contribuem para impossibilitar uma reflexão e conexão significativa por parte do indivíduo.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA,2010, p 24)

Lygia Clark reflete que a arte ultrapassa a automatização quando realizada de dentro para fora e para que esse exercício aconteça, tornar possível a relação com o outro, é preciso emergir em novas percepções. É necessário que o corpo seja receptor e participante, que perceba as possibilidades de ser e estar no mundo. Esse corpo que se desconstrói através da experiência para reconstruir-se em outras assimilações. O corpo como plataforma artística, como habitação, repositório de sonhos, fragilidades, autoconhecimento, resgate de “ser estar” no mundo através da arte. Onde há arte, sempre existirá corporeidade.

Percebo cada vez mais no ensino, que os corpos “não sossegam”, pois buscam maior participação.

Tião Rocha, no Documentário “Quando sinto que já sei” (2014), fala sobre a importância do educador em colaborar para que a criança caiba no mundo e novos parâmetros para ensinar. O mesmo diz “(...) educação é invenção humana para transmitir o humano.” (ROCHA, 2014). Tanto o autor, em sua visão de antropólogo e educador, quanto Larrosa, aproximam-se nas maneiras de compreender os processos de ensino/ aprendizagem. Ambos acreditam que o saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e vida humana. Aprender não é somente adquirir informação, mas o que nos toca e acontece. Jorge Larrosa nos convida a pensar a educação como par experiência/sentido. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (LARROSA, 2002, pág.21)

Segundo Tião Rocha, o educador deve ser o facilitador, aquele que provoca a ação, gera processos mais efetivos de aprendizagem, permitindo que cada um se manifeste em sua incompletude e peculiaridade. Pensar na criança para além da figura de aluno, mas na importância de envolvê-los nas decisões que tenham impacto sobre suas vidas.

A arte trabalha com a sensibilidade, corporeidade, sentimentos e desejos que são produzidos conscientemente ou inconscientemente, possibilitando o sujeito estar, pensar, se perceber no mundo. Esse campo de conhecimento une e trabalha pensamento, sentimento, ação e expressão. O ensinar em arte é compreender a trajetória expressiva, o tempo e o processo de cada um. Sabe-se que a comunicação não se dá apenas por meio da fala, mas também através dos gestos, expressão facial e corporal. Essa comunicação é silenciosa, mas se for consciente estabelece bases valiosas para incorporar a interação mais efetiva de autoconhecimento, criatividade e aprendizado.

É possível pensar a morada, a experiência e a arte como meio de assimilação do mundo. Assim, a pesquisa aponta as possibilidades de reflexão no ensino de arte em ambientes não formais e os possíveis impactos na vida daqueles que vivenciam as experiências com integralidade.

(..) a grande função da arte é a comunicação, uma vez que o entendimento mútuo é uma força a unir as pessoas, e o espírito de comunhão é um dos mais importantes aspectos da criação artística. Ao contrário da produção

científica, as obras de arte não perseguem nenhuma finalidade prática. A arte é uma metalinguagem com a ajuda da qual os homens tentam comunicar-se entre si, partilhar informações sobre si próprios e assimilar a experiência dos outros.” (TARKOVSKI, 2010, pág. 42)

Campos e Silva (2015) dialoga com Tarkoviski ao pesquisar e detalhar a metodologia da ONG Corpo Cidadão, tendo em vista que essa dá lugar a arte enquanto campo de conhecimento, área de comunicação de forma ampla, valorização do processo criativo de cada indivíduo e a troca de vivências entre todos os envolvidos no projeto.

Para dialogar com o contexto - a importância da experiência, da busca pelo local do sujeito no mundo, do lugar do educador como facilitador, do resgate pelas sensações, do corpo como receptor e participador, como convite a ultrapassar a automatização do fazer – associa-se o documentário Tarja Branca (2013). A partir de diversos depoimentos, visões e origens, o mesmo discorre sobre a importância do brincar, considerando que nele acontece a construção do ser, pois a brincadeira lida com o explorar, investigar o mundo e o próprio mundo. Desperta curiosidade, é capaz de ensinar a lidar com a improvisação, o inesperado, assim como precisamos aprender por parte da vida. O documentário traz diversas reflexões e entre elas, destaca-se, a aproximação entre arte e o brincar, pois ambas trabalham com a imaginação e a espontaneidade.

Com isso, a pesquisa valoriza o processo criativo do indivíduo, a compreensão do outro, os elementos que acrescentem e potencializem o ser e o fazer, tendo como fio condutor a troca com o outro, mas marcado pela individualidade, singularidade e subjetividade.

3 DESCOBRIR NO FAZER

A ONG Corpo Cidadão é uma iniciativa de alguns bailarinos do grupo de dança, O Corpo. Inicialmente, a ONG ofertava apenas oficinas de dança, mas devido às demandas das crianças, passou a oferecer também artes visuais, música e teatro. Cada criança pode escolher duas oficinas, dentre as três ofertadas. A sede localizada no bairro Paraíso, em Belo Horizonte, atende a Escola Municipal Vila Fazendinha, que participa do Projeto Escola Integrada, com alunos de faixa etária de cinco a treze anos de idade.

De acordo com a PPE (Proposta Política Educativa da ONG, 2014), as oficinas de dança, música, teatro e artes visuais são planejadas no intuito de promover a criatividade, a autodisciplina e a expressividade, estimulando a sensibilidade, a paciência e o respeito, além de valorizar a bagagem e experiência que o educando traz.

As crianças são divididas em dois turnos, alternando uma parte do dia no projeto e outra na escola. São atendidas, aproximadamente, 50 alunos por turno, numa média de quinze a dezessete alunos por oficina.

Em cada turno, a atividade é iniciada com uma grande roda, incluindo todos os educandos e educadores. O recurso da roda é entendido como um espaço símbolo de convivência do projeto, em que educandos, educadores, assistentes e coordenadores estão todos sentados, em uma relação de horizontalidade, para possibilitar um processo de aprendizagem e troca, símbolo de parceria. Nessa roda, é possível ver uns aos outros, fazer trocas, compartilhar dúvidas, reflexões, apresentar propostas, fazer brincadeiras. Além da possibilidade de se expressar, os educadores trabalham muito o ato de ser ouvido e saber ouvir o outro, respeitando sua peculiaridade.

As oficinas de artes visuais trabalham a troca de experiência, o conhecimento, o processo criativo e lúdico, a pesquisa através de referências artísticas, a ampliação

do olhar, percepção sobre arte e vida, observação, experimentação de materiais, entre outros.

3.1 A pesquisa

Minha pesquisa se deu através de oficinas realizadas em artes visuais, baseadas no tema *Morada* e as observações feitas a partir dessas. A análise aconteceu através das vivências, falas dos educandos, registros fotográficos, trabalhos plásticos e observação da investigadora enquanto arte educadora. O trabalho foi realizado durante o período compreendido entre os meses de junho a novembro de 2014.

O processo criativo é individual. Nele é possível recriar, pensar, refletir. Um processo que envolve identidade, esforços, memória, registro, flexibilidade, abertura, tensão, diálogo, conexões, caminhada, construção, desconstrução, execução, experimentação, envolvimento, entrega, expansão e aprendizado. A partir disso e do tema, e pensando que esse abarca a subjetividade de cada um, todas as atividades foram construídas, levando em consideração a trajetória criativa e expressiva de cada sujeito.

Muitas atividades aconteceram abordando a poética da casa: observação da casa onde funcionava o projeto, planta de suas casas, estudo e prática de referências na pintura que trabalham o tema, história, entre outras.

A seguir, apresentarei as principais oficinas que abordaram o tema *Morada*. Essas foram iniciadas pensando na casa física, depois sendo desconstruídas aos poucos, convidando os participantes a pensarem a morada como local de proteção do indivíduo, com o intuito de envolver cada um, levando-os a ampliar a consciência do fazer, a partir da experiência.

3.2 Construindo a morada

Foi possível observar que, em muitos dias de oficina, algum educando se escondia em um buraco na sala de artes. Normalmente, tal fato era constatado nos momentos

de tensão, necessidade de solidão, reflexão, aquietamento e essa era uma ocasião que gostavam. A partir dessa observação cotidiana e do tema casa, pensando não só na morada física, mas nesse lugar de proteção, pedi para que a turma se dividisse em quatro grupos e construísse a morada, usando uma mesa, jornal e barbante.



FIGURA 1- Criação feita pelas crianças da Morada

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.

3.3 Desenho de observação da casa

A ONG funcionou durante quinze anos em uma casa, localizada no bairro Paraíso, como já mencionado anteriormente. A atividade aconteceu a partir da observação desse espaço que os educandos frequentavam, mas que muitas vezes não era notado. A oficina iniciou-se a partir de referências de artistas que trabalham o tema Casa e o diálogo sobre como os educandos imaginavam o processo criativo dos pintores.

A partir disso, os educandos observaram os lugares, cômodos e a parte da frente da casa. Cada um retratou o que queria transmitir sobre o local, representando as partes que mais gostava ou chamava mais atenção no lugar. Essa atividade teve o intuito de ampliar o olhar para algo rotineiro, desenvolver o senso de proporção, espaço, volumes e planos.

3.4 Planta da casa

O exercício aconteceu a partir da percepção de cada educando de sua casa física, de como são as divisões de suas casas. Com isso, cada um retratou os espaços de suas casas, reais ou imaginadas. Tal momento proporcionou trocas, histórias, vivências e memórias.

3.5 Teia à Cabaninha

O intuito da atividade foi trabalhar o tema Casa, pensando em diferentes tipos de morada, como a da aranha, abordar as possibilidades espaciais, usar materiais corriqueiros (fios das mais variadas espécies), pensar em como ocupar e dividir o espaço (recombinar, animar); além de desenvolver concentração e trabalho em grupo, através dos laços que criamos uns com os outros e a convivência cotidiana, gerando um processo lúdico como acontece em algumas brincadeiras. A escolha da Cabaninha se deu, tendo em vista que, essa dialogava com o tema trabalhado e

permitira observar como cada um se colocava naquele espaço e lidava com a construção de si e do outro.

Ao propor a atividade, uma das educandas se expressou, dizendo que iria construir o seu ninho, um ninho camuflado, demonstrando conexão do tema com sua bagagem.



FIGURA 2 – Crianças no durante o processo da Oficina Teia à Cabaninha- 1 turno

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.



FIGURA 3 - Crianças no durante o processo da Oficina Teia à Cabaninha- 2 turno

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.



FIGURA 4 – Construção da trama feita pelas crianças

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.

3.6 Casa imaginária

Durante a oficina, foi trabalhado o texto *A casa Imaginária*, de Marina Maria (2014). Nele, a autora discorre sobre a casa mais fantástica do mundo e que as características da mesma não estão ligadas a bens materiais e sim a memórias, lembranças. “O banheiro tem gavetas secretas, a cozinha aumenta de tamanho de acordo como o desejo do morador; na biblioteca estão as saudades (...)”. (MARIA, 2014).

A partir do texto, cada educando criou e desenhou sua casa imaginária, reinventando seu espaço.

3.7 Corpo no espaço

Ao observar a inquietude das crianças, o desejo por maior participação e ocupação do espaço, surgiu a proposta da atividade *Corpo no espaço*. A condução foi a mesma, cada um se manifestou à sua maneira, mas observando o espaço do outro

também. Os direcionamentos foram corpo recolhido, corpo no alto, corpo em um lugar bem menor que o próprio corpo, corpo bem grande, em expansão, entre outros. Com isso, as crianças experimentaram o corpo naquele espaço, observaram e organizaram-se diante do espaço do outro, manifestando-se de maneira fluida, através da brincadeira.



FIGURA 5 – Crianças durante o processo da oficina Corpo no Espaço

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.



FIGURA 6 – Educanda experimentando o espaço após ouvir a condução Corpo recolhido.

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.

3.8 Casulo como morada - Argila

Dando continuidade ao tema Morada, contei aos educandos sobre o processo no casulo. Falei sobre a busca da lagarta por um lugar seguro, sobre a transformação e importância do crescimento e outras questões que foram surgindo a partir da curiosidade das crianças.

Apresentei imagens sobre essa metamorfose e em todas as turmas o interesse e o envolvimento foram grandes. Alguns compartilharam vivências e observações sobre o casulo. Outros, ao saírem da sala, viram borboletas em um canto da casa. Outro ainda comentou que havia um casulo perto de sua casa, passando a acompanhar o

processo dia a dia compartilhando comigo e os colegas essa transformação, através de fotos e vários relatos.

Em seguida, cada educando criou seu próprio casulo usando argila. Falei um pouco sobre as propriedades dessa matéria e sobre os cuidados básicos que se deve ter e seu manuseio. Assim como o casulo, a argila também passa por transformações para tornar-se cerâmica, oferecendo as possibilidades de construção e desconstrução também.



FIGURA 7 – Processo dos educandos na construção do casulo com argila

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.

3.9 Casulo – corpo receptor e participante

Os educandos foram envolvidos, um a um, por papel filme, tecidos tule branco e fita transparente larga, com o intuito de promover a experiência de estar dentro do casulo, sentir o próprio corpo como morada, observar as sensações da experiência.

As experiências foram diversas, formatos e relatos também. Durante o processo do envolver o corpo com o material, alguns disseram que era muito gostoso, que gostariam de repetir, outros se sentiram aflitos, outros protegidos, cada qual expressando sua sensação, a partir de sua subjetividade.



FIGURA 8 - Educadora e educandos durante o trabalho Casulo desenvolvido

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.



FIGURA 9 – Educandos sendo envolvidos por materiais que criaram a sensação de estar no casulo.

Fonte: Todas as fotografias constantes nesta pesquisa foram tiradas pela autora.

3.10 Exposição final

Essa exposição acontece todo final de ano, aberta ao público – familiares, patrocinadores da ONG, convidados e demais envolvidos -, onde o processo criativo é apresentado pelos educandos e educadores a esse. Onde não somente se apresenta o resultado, mas também se sinta parte de toda a trajetória criativa e educativa, em que os educandos são participantes e espectadores.

4 TECENDO A TRAMA

Todo processo é vivência e a experiência acontece partir da construção da subjetividade do indivíduo. A proposta de qualquer atividade pode ser geral, mas o desenvolvimento é individual. Cabe ao educador ter o olhar sensível e atento ao outro, para estimular o que pode ser potencializado e caminhar junto nas dificuldades. É fundamental, compreender a trajetória expressiva e o tempo de cada um.

O tema Morada é recorrente em minhas pesquisas desde a graduação e retornou, nesse novo processo, tornando-se fio condutor do processo criativo educativo e da presente pesquisa.

Antes de definir o tema a ser trabalhado na ONG - A Morada - notei que, por vezes, as crianças ao chegarem na sala, espontaneamente se escondiam em lugares que seriam armários ou mesmo vãos entre um móvel e outro, buscando segurança como forma de se isolarem, se protegerem em si mesmos.

Inicialmente, me senti incomodada, ansiosa, em começar a atividade, mas percebi que a oficina já começara naquele momento. Observei que, normalmente, isso acontecia quando a criança buscava um lugar de conforto ou mesmo pudesse perceber toda a dimensão de seu corpo e se perceber naquele local.

A partir do momento em que a consciência por esse processo tornou-se nítida, foi proposta a atividade Construção da Morada, tendo como objetivo o aprendizado através da brincadeira, observar a construção da identidade, o estabelecimento das relações com o outro, com o mundo e como se manifestam através da arte. Os materiais utilizados eram jornal, barbante, móveis da sala (mesas, bancos, bancadas).

Ao observar os gestos das crianças, foi possível notar as dificuldades dessas em lidar com o outro, em entender o espaço do outro, atitudes que demonstram tensões na vida familiar, como violência, reprodução de frases e vivências, busca por espaço

- espaço para ser visto e ouvido. Por alguns momentos, me questionei: “Como trabalhar a morada, sem envolver as questões familiares, estruturais?” A resposta surgiu logo em seguida. É necessário entender todo o universo do indivíduo contribuindo para que esse possa ressignificar suas questões através da arte.

Essa vivência provocou reflexões sobre a falta de orientação em como colocar-se no mundo e sobre qual espaço pertence ao indivíduo.

A ONG funcionou no mesmo local durante quinze anos, até janeiro deste ano (2015). Cada oficina acontecia em um cômodo do local, o que impulsionou a oficina de desenho de observação, pois o educando, nessa atividade, tem liberdade de expressar o que quer transmitir, um momento de direcionar o olhar de forma mais atenta, desenvolver o senso de proporção, espaço, volumes e planos.

Muito mais que observar e desenhar, a proposta foi de despertar nas crianças qual era a consciência daquele espaço físico que elas frequentavam e faziam parte. Ao iniciar a atividade, através do diálogo e questionamentos, muitos dos educandos não haviam percebido o local em que o projeto acontecia – uma casa. A conexão da casa (sede da ONG) com os trabalhos, gerou um processo de entendimento inicial sobre o tema, de desconstrução sobre a casa, partindo da casa como estrutura física, até se diluir na poética da casa, como símbolo de habitação e proteção, assim como Bachelard (2008) nos convida em sua obra.

Perguntei como eles imaginavam o processo de construção de obras dos pintores e artistas, numa forma de instigá-los a pensar e observar com olhar atento para o cotidiano. Apresentei referências da arte que abordam o tema casa e, a partir disso, aconteceu a pesquisa de campo. As trocas foram surgindo, através de perguntas, respostas e descobertas numa grande interação. Como é a sala? É igual a de outra casa? A oficina de dança ou qualquer outra atividade acontecer nesse espaço, faz com que a característica física da sala se perca? Como me percebo neste espaço? Ao retratar a casa, cada um ressaltou os detalhes e partes da casa que mais gostara. A maioria das crianças frequentou esse lugar durante anos, mas somente a partir da proposta, houve uma nova percepção sobre o local.

Esse acontecimento dialoga com o que Campos e Silva (2015) discorre sobre a importância de uma condução da prática baseada na construção afetiva, no acolhimento, criando um reflexo para que o indivíduo se sinta pertencente aquele grupo, local, sociedade.

Na atividade, a Casa Imaginária, baseada no texto de Marina Maria, cada educando desenhou e criou sua casa imaginária, foi possível instigá-los a imaginar/fantasiar qual seria a casa mais fantástica de todas, qual a prateleira mais difícil de organizar, quais são as idéias guardadas nos azulejos do banheiro, qual o lugar favorito, numa tentativa de proporcionar, pensar e explorar todas as possibilidades de uma casa, possibilitando trabalhar o tema de maneira leve, poética, lúdica, de convidar o sujeito a sair do lugar comum, do olhar comum sobre o tema casa.

Essas situações dialogam com o pensamento de Tião Rocha (2006) quando diz que a própria criança traz, em seus gestos, o que pode e precisa ser trabalhado e o educador deve atuar como facilitador, provocador da ação e gerar processos mais efetivos de aprendizagem.

A liberdade de gestos e expressões foi trabalhada proporcionando que cada um se manifestasse, fizesse escolhas de como lidar com a atividade de maneira geral. Percebo o quanto, naquele momento, foi importante permitir que cada educando experimentasse a tomada de decisão, independência, uma liberdade para retratar a casa como gostariam, real ou imaginada.

Essas ações remetem ao que Freire (1996) destaca no processo de aprendizagem, onde ressalta que a construção da autonomia é um processo entre o educador e o educando, que vai sendo consolidado na experiência de várias decisões tomadas, por isso, a autonomia é a experiência da liberdade.

A participação ativa da criança permite ir além dos limites concretos da instituição de ensino, proporcionando um espaço de formação do indivíduo enquanto cidadão, pois para viver a cidadania é necessário acreditar, efetivar o envolvimento do indivíduo nas decisões e os impactos sobre sua vida.

As atividades foram construídas baseadas não somente na relação com o outro e a troca, permitindo que o desenvolvimento do trabalho fosse pensado tendo como objetivo final provocar na criança o sentimento de pertencimento, vivenciado, por exemplo, na exposição final quando os trabalhos por eles realizados são expostos publicamente, mas também pensar em permitir a vivência do outro, ter abertura à mudanças na trajetória e de elementos que acrescentassem, potencializassem o ser, o indivíduo e o fazer.

Campos e Silva (2015) retrata bem como a relação educador e educando, baseada no diálogo, abertura, troca e construção coletiva, contribui para a dimensão educativa. Ressaltando, ainda, a necessidade de repensar a estrutura de ensinar, criando um ambiente de pertencimento à criança, na busca de possibilitar uma percepção para além da figura do aluno, que visa contribuir para a ruptura do lugar de destaque para o educador. Relata que, assim, se tem a aprendizagem de forma mais efetiva e significativa para o sujeito.

Por inúmeras vezes, foi possível observar, a busca por maior participação diante da inquietude que os educandos demonstravam através de seus corpos, onde se desdobrou a atividade denominada Corpo no espaço, em que direcionei as crianças a experimentarem o corpo naquele espaço, através de brincadeiras. A condução era única, mas a forma de expressar e realizar, foi de escolha livre e individual. Por exemplo, corpo recolhido, corpo no alto, corpo expandido, corpo esticado, entre outros. Nessa atividade, foi possível perceber a comunicação através de gestos, como dedo na boca (assim como um bebê), o corpo fluido no chão, absorvendo as sensações de estar ali, o sorriso no rosto das crianças em ter a liberdade de experimentar. No momento em que disse: “corpo no alto”, muitos subiram nas mesas, bancadas e ficaram ali tensos, esperando serem xingados. Alguns perguntaram se podiam subir ali, quando disse que sim, a alegria pela liberdade em se expressar e explorar todo o espaço daquelas crianças foi surpreendente, pois dentro do espaço escolar, por exemplo, essa atitude seria considerada indisciplina, mas nesse contexto fez parte do processo que estava sendo desenvolvido.

Campos e Silva (2015) mostra, de maneira muito descritiva e clara, as diferentes maneiras de lidar com a indisciplina da escola regular e da ONG. Convida-nos a refletir sobre essa denominação, pois na escola regular, essa muitas vezes é usada, tornando-se rótulo e esquecendo-se da peculiaridade, da curiosidade, formas de se manifestar distintas do sujeito.

No desenvolvimento da atividade “Corpo no espaço”, os estímulos vão de encontro com os pensamentos da artista Lygia Clark, que considera que arte e vida se mesclam, gera reflexões do ser, estar, da importância do corpo participante, local primeiro de experiência. A importância do corpo do educando em experimentar e despertar, por exemplo, seus cinco sentidos - tato, visão, paladar, olfato -, permite ampliar novas percepções, torná-lo participante ativo da experiência, pois o ser humano tem outras dimensões que devem e podem ser expandidas, o que contribui, possibilita, o despertar para si e para o mundo e desconstruir paradigmas.

Esse contexto remete ao que Bachelard (2008) traz quando estuda as novidades expressivas, como forma de ampliar a fenomenologia da imaginação pura, da imagem poética da morada; assim, o educador deve atentar-se a toda e qualquer manifestação expressiva, possibilitando que cada um possa se descobrir em sua peculiaridade. No brincar, por exemplo, a criança experimenta o corpo, a ternura, e, como diz Tião Rocha, a criança aprende brincando, pois se aprende com prazer, com acolhimento.

O documentário Tarja Branca (2013) nos convida a ampliar a visão sobre o brincar. A brincadeira é vista como gesto de expansão da consciência, como forma do sujeito se descobrir no mundo, de explorar, investigar, despertar curiosidade, saber lidar com o inesperado. De acordo com o contexto da pesquisa presente, pode-se destacar que arte e brincar possuem o mesmo núcleo, embrião, pois ambas utilizam da imaginação para construção, expressão. O espaço da brincadeira é tido como universo verdadeiro, íntegro do indivíduo.

A maneira como a desconstrução da casa “física” foi sendo trabalhada anteriormente, em outras atividades, como no desenho de observação, a casa

imaginária, que contribuiu para que a atividade da Téia à Cabaninha tivesse um processo mais consciente. Inicialmente, ocorreram conflitos por espaço, como relatado em outras atividades, porém bem menores que anteriormente. Os educandos associaram a Téia, com a casa da aranha, com o ninho, com a brincadeira da cabaninha. Todos ocupavam o mesmo espaço, porém cada um se descobria no lugar. Aos poucos, a consciência sobre a trama que teciam separados, porém juntos, foi se consolidando, de forma que a condução e o desenvolvimento aconteceram de forma fluida. As crianças tiveram muita autonomia e liberdade, e as intervenções só aconteceram em momentos de maiores conflitos, que foram poucos. As análises foram feitas em quatro turmas, cada qual com suas características.

O que me chamou atenção foi uma turma da tarde, em que o grupo me mostrou um processo muito claro, espontâneo e autônomo, de descobrir experimentando, onde ao iniciar, uma educanda já expressou que iria construir seu ninho camuflado.

O grupo começou experimentando para entender a proposta, sem muitas perguntas. Surgiram conflitos entre os educandos por espaço, mas eles mesmos se entenderam da maneira que julgavam melhor, de forma muito madura, através do diálogo. A partir de uma iniciativa de alguns do grupo, arrumaram panos, cortinas e construíram cabaninhas. Ali mesmo, deitaram, conversaram, brincaram e cada um foi se descobrindo enquanto sujeito, no grupo e no espaço.

Essa situação nos remete ao que discorre Larrosa quando nos diz que a experiência é o que nos passa e acontece. Discorre que muitas coisas passam, mas poucas nos acontecem. Tudo acontece com muita rapidez. O desejo pela novidade, característica do mundo atual, impede a conexão e consciência significativa dos acontecimentos, e é isso o que gera a experiência.

A partir desse contexto, reafirma-se o que Larrosa nos diz, pois, foi possível perceber que, a forma em que o processo criativo foi trabalhado, gerando consciência sobre o que se passava e acontecia, contribuiu para a experiência dos educandos. Pensando no lugar da experiência, segundo Larrosa, como possibilidade de que algo nos aconteça, como superfície sensível, observa-se a atividade do

Casulo – corpo receptor e participante. O tema foi sendo trabalhado, como anteriormente, com muito diálogo, trocas, observações, referências, mas com a abertura de mudança de rotas, sendo construído de acordo com a resposta das crianças diante desse.

Em consequência disso, na vivência dos educandos ao serem envolvidos pelos materiais (tule, papel filme e fita adesiva transparente), alguns relataram sobre a sensação de estarem aquecidos, que estava bom ali dentro e quentinho, tomando consciência da dimensão de seus corpos.

Pode-se destacar também que a fruição sensorial proporcionou a sensação de integração no espaço, criou condições para que o foco, o foco da atenção dos indivíduos, se voltasse para eles mesmos. Com isso criou-se conexão com Bachelard (2008) que ressalta sobre o resgate das sensações esquecidas e nos convida a aprendermos a morar em nós mesmos.

Com base nas observações das vivências, falas e gestos dos educandos, é importante ressaltar a autonomia que cada um teve para falar do tema, fazer conexões significativas da bagagem pessoal com os trabalhos realizados nas oficinas de artes visuais, onde um dos objetivos do processo foi alcançado: experiência como espaço onde os acontecimentos têm lugar.

Depois do processo criativo, com o tema Morada e a exposição que acontece no final do ano, é como se o corpo tivesse se fortalecido e saído de dentro da cabana, proporcionando condições de crescimento, reestruturação e se redimensionasse, assim como acontece no nascimento do ser.

Com o desenvolvimento do trabalho, foi possível perceber a relação do processo criativo com a busca pela morada, uma vez que ambos envolvem as incertezas, os medos e buscam estruturação, reflexão e autoconhecimento do ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar qual espaço pertence aos indivíduos e quais mudanças ocorrem no processo criativo desses, a partir das práticas educativas da ONG, quando essa atua valorizando a autonomia, diálogo, o lugar para a experiência e a construção de elaboração do sentido do indivíduo a partir disso. Assim, através de observações, falas e oficinas de artes visuais, esta pesquisa demarcou quais elementos das práticas educativas contribuem para que o sujeito se sinta pertencente não somente no projeto, na escola, em casa, mas num todo e possa ampliar as possibilidades educativas.

Os educandos não só deram lugar para a experiência, mas demonstraram elaboração no sentido dessa. Percebi maior consistência no laço educando e educador. Inicialmente uma relação, comunicação de interação fragmentada, pois em ambas não havia compreensão integral do outro, uma vez que, escuta e fala se embaraçavam. Com o tempo, a construção da Morada refletiu por todo o grupo, tecendo uma trama que o separava, permitindo a arte do encontro. Tanto a morada, quanto o processo criativo, lideram com medos e incertezas, além de uma busca por estruturação, reflexão e autoconhecimento.

Enquanto educadora, percebi a construção não somente da morada das crianças, mas também meu crescimento pessoal e profissional. Ampliei minha visão de morada, de educação, de relação, de cuidado com o outro. O sentido da palavra pertencer, antes limitado à definição do dicionário informal, de que é a crença subjetiva comum que une os distintos indivíduos, símbolos que expressam valores, medos, entre outros, se expandiu para além de definições, muros de instituições. Moradas que fizeram sentido na troca com o outro, com a generosidade, histórias contadas, compartilhadas, sonhadas no plural, mas marcado pela peculiaridade do ser.

O tema, Morada, assunto amplo, constituiu-se como ponto central na pesquisa e se desdobrou em resignificação, possibilitando crescimento e autonomia de cada

criança em habitar seu espaço no mundo: espaço dos sonhos, da experiência, da brincadeira.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 2008, 2ª Edição.

BALTAR, Brígida, trabalho Casa das abelhas. Trabalho apresentado em 2001, na 25ª Bienal Internacional de São Paulo.

BECHARA, José. Trabalho A casa- sobre a experiência da faxinal- 1ª ação. O projeto A casa teve início em maio de 2002.

BERGER, Jhon. *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. 167 p.

Biografia e imagens de José Bechara <http://josebechara.com/> (acessado em 15/09/2014 às 13:15h.)

Biografia e imagens de Sérgio Vaz <http://www.sergiovaz.com/> acessado em 18/08/2014 às 19:22h)

Biografia, trabalhos e imagens de Alexandre Sequeira <http://alexandresequeira.blogspot.com.br/> / (acessado em 06/10/2014 as 22:35h)

CASTRO, Evandro. *A habitação como significado*.

Catálogo: *A imagem e o vazio: Pinturas de Sérgio Vaz*. Belo Horizonte, outubro de 2010.

CLARK, Lygia. *Lygia Clark*. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa: Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980. 60. P.il. (incl.color) (arte brasileira contemporânea)

CLARK, Lygia. 1960 “Bichos”. In: GALERIA BONINO. 29 esculturas de Lygia Clark. Rio de Janeiro, 12-29/10/1960. Catálogo de exposição.

CHÉHERE, Laurent. Trabalho “Flyinghouses” (“Casas voadoras”).

Documentário “Quando Sinto Que Já Sei”, Despertar Filmes.

Documentário “Tarja Branca : A Revolução que faltava” , Direção Cacau Rhoden 2013.

Documentário – Território do Brincar, produção Maria Farinha Filmes, 2015.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios-Campinas : Papyrus, 2003. 7ª Ed. 362 p.

GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. Leituras do corpo. São Paulo: Annablume, 2003, 200p. Parte I, corpo e imagem. (11-47)

HELEN BENEVIDES, Dirce. O CORPO NA POÉTICA DE LYGIA CLARK E A PARTICIPAÇÃO DO ESPECTADOR, 2011.

JEDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto de arte; tradução Tereza Lourenço. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002, 181p. Entre repouso e movimento (58-70), O corpo estranho (102-109).

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SEQUEIRA, Alexandre, trabalho “ Nazaré do Mocajuba”. A pesquisa do trabalho ocorreu em 2004 e 2005, e a exposição em 2010 –. Fauna Galeria. São Paulo/SP.

Sobre Brígida Baltar
www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1286&cd_item=2&cd_idioma=28555 (acessado em 03/07/2014 as 11:45h)

Sobre o trabalho *Flying Houses* de Laurent Chéhere <http://zupi.com.br/as-casas-voadoras-de-laurent-chehere/> <http://oglobo.globo.com/cultura/fotografo-frances-laurent-chehere-manipula-imagens-de-casas-as-poe-para-voar-5952197> (acessado em 30/06/2014 às 20:00h)

Texto: A casa (https://sites.google.com/site/dicionariodesimbolos/casa_acessao 20/09/14 às 21:43h)